

FÁBULAS EM QUADRINHOS: A INTERGENERICIDADE EM SALA DE AULA

Maiara Caroline Gasparotto Zabini (UEL)

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo descrever a prática do estágio em sala de aula, relacionando a metodologia utilizada com os gêneros textuais fábula e HQs. Será relatada a experiência de ensino desenvolvida durante o estágio obrigatório do terceiro ano de Letras Vernáculas e Clássicas, abordando atividades desenvolvidas no âmbito escolar, assim como os resultados obtidos por meio do trabalho realizado. Deste modo, o desenvolvimento do artigo tem como foco analítico os gêneros textuais trabalhados por meio da intergenericidade, isto é, não estudados de forma distinta e separados, mas sim de maneira conjunta, permitindo que os alunos desenvolvam sua criticidade e pensamento próprio sobre a utilização dos gêneros de forma social.

PALAVRAS-CHAVE: estágio curricular obrigatório; intergenericidade; HQs.

Introdução

O estágio curricular obrigatório é considerado uma importante prática para a formação do profissional de Letras. É na prática educativa que o mesmo se apropria de conteúdos e métodos que tornem sua aula precisa e bem desenvolvida. Ao trabalhar com os alunos e ser supervisionado por professores, o estagiário analisa seu futuro campo de trabalho considerando quais aspectos deve melhorar para se tornar um bom profissional. A experiência em campo lapida o estagiário fazendo-o finalmente conhecer-se como parte fundamental da vida de uma criança/adolescente, como portador do conhecimento a ser compartilhado. Assim, comprova o educador Libâneo:

A direção pedagógica do professor consiste em planejar, organizar e controlar as atividades de ensino, de modo que sejam criadas as condições em que os alunos dominem conscientemente os conhecimentos e métodos da sua aplicação e desenvolvam a iniciativa, a independência de pensamento e a criatividade. [...] Uma ação decidida do professor no sentido de estimular nos alunos qualidades e atitudes necessárias ao estudo ativo e independente, como curiosidade científica, atenção, constância, disciplina, interesses, etc, bem como de criar as condições favoráveis para o processo de transmissão/assimilação de conhecimentos. (LIBÂNEO, 1994, p. 157)

Ao lidar com a metodologia e a preparação das aulas, o estagiário torna-se um mediador de conhecimento, tendo a responsabilidade de transmitir o conteúdo ao aluno o instigando-o sempre a novidades, ao pensar autônomo e crítico que o inserirá de forma consciente na nossa sociedade.

Tendo em vista a prática em sala de aula, o presente artigo tratará sobre o estágio de graduação do terceiro ano letivo em Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2019. A instituição escolhida para o estágio, Colégio Estadual Presidente Kennedy, está inserida na área central de Rolândia, no Paraná, sendo de fácil acesso para a supervisora responsável pela avaliação. O colégio possui uma boa estrutura com sala de informática para os professores, uma biblioteca bem organizada para a retirada de livro dos alunos e salas de aulas que contam com carteiras adequadas. A professora responsável por nos auxiliar foi bem receptiva e tornou a estadia no colégio agradável e bem-vinda.

O artigo abordará a preparação das aulas e os gêneros utilizados que podem ser ensinados não só separadamente, mas também de maneira conjunta gerando a intergenericidade. As atividades desenvolvidas abarcam a leitura, interpretação, produção de texto e quadrinhos, além da exposição feita no mural. Serão realizados relatos feitos no Ensino Fundamental II com alunos do 6º B e as experiências vividas durante o processo.

1. Experiência

O estágio curricular obrigatório foi dividido em três partes a fim de que o graduando se adaptasse de maneira mais fácil ao ambiente escolar: a observação, a participação e a regência.

Primeiramente ocorreu a **observação**, cumprida em dez horas-aula, na qual são analisados a sala e os alunos, observando seus hábitos, quem tende a questionar mais e quais dos alunos são mais retraídos. Durante esse período, duas salas distintas foram observadas: 6ºA e 6ºB. Os alunos se diferenciavam muito de uma sala para a outra: enquanto a primeira era mais expositiva e com tendência a conversas a segunda era silenciosa, sem muitos questionamentos e interrupções, somente em poucos casos via-se muita conversa. Este fato, é claro, não tornava a sala isenta de dúvidas, muito pelo contrário, os alunos não as expunham em voz alta para a professora.

Diante disto, a professora tinha um diário escolar no qual anotava sobre os alunos de cada classe suas próprias análises e autocríticas. O método é feliz tendo em vista que, deste modo, o professor age como um observador, analisando em quais questões os alunos têm mais dúvidas e em quais conteúdos eles estão indo bem. Além disso, agindo assim, a professora se autoavalia buscando uma melhor abordagem para cada sala, aperfeiçoando os seus métodos.

Durante a **participação**, de dez horas-aula, pequenas tarefas eram feitas, as quais já nos conectavam mesmo que minimamente com os alunos. Neste ponto alguns nomes já estavam gravados, além de já haver uma maior interação com os alunos em geral. Durante uma aula de literatura, a professora pediu para que lêssemos um conto em voz alta, então ao tentar representar o papel dos personagens, mudando a entonação da voz, os alunos ao verem acharam divertido e durante a regência tentaram repetir o método com os contos passados, o que melhorou inconscientemente a leitura dos diálogos.

Na **regência**, cumprida em vinte horas-aula, a sala escolhida foi o 6ºB; nessa turma, o plano de aula desenvolvido foi baseado dando continuidade no planejamento da professora. Os gêneros utilizados foram as fábulas na aula de literatura e HQs durante as aulas de gramática, nas quais foram analisados figuras de linguagem, balões e estilos gráficos.

Vale relatar que, no dia em que começaríamos o estágio, uma das alunas do 6ºA foi dada como desaparecida e já durante a nossa observação foi constatado que foi assassinada pelo próprio pai. O fato abalou não só a sala como também a escola, os professores que já tinham dado aula para a aluna e os colegas de classe ficaram muito abalados. Foi um período de difícil adaptação para todos.

1.2 Regência

Primeiramente as aulas foram desenvolvidas metodologicamente com o foco no gênero fábula, buscando por meio deste aprofundar o conhecimento dos alunos em narrativas oralmente transmitidas através do tempo. Para um primeiro contato, foi dada a fábula *Os animais e a peste* de Monteiro Lobato, presente no livro didático. Por meio de leitura silenciosa, foi pedido para que os alunos analisassem as características pertencentes ao texto. Assim, a definição de fábula foi dada de forma que os alunos também ajudaram na contribuição de significados dada ao gênero.

Para a segunda atividade envolvendo o gênero, a sala foi separada em grupos, cada qual com três integrantes, com o objetivo de procurarem fábulas específicas sorteadas durante a aula dos autores La Fontaine, Esopo e Monteiro Lobato. Em se tratando de uma série inicial do ensino fundamental II, a atividade os estimulou também a agir como pesquisadores e buscar as fábulas como fonte de conhecimento, além de desenvolverem o trabalho em grupo. Em seguida, os alunos leram as fábulas com seus grupos, interpretando ao final o significado propriamente dito da fábula e a moral da história. Desta forma, os alunos alcançaram o objetivo específico de relacionar os animais e suas histórias com fatos morais e preceitos presentes na nossa sociedade. Assim como afirma Libâneo (1994, p. 126), o professor deve agir como mediador entre o ensino aplicado na escola com a prática social.

O segundo gênero a ser abordado foram as HQs, visando analisar aspectos tanto linguísticos quanto visuais. Primeiramente foi entregue aos alunos histórias de diferentes subgêneros como gibis e mangás, com o objetivo de analisar a estrutura expondo suas semelhanças e diferenças, além das características dos personagens como, por exemplo, nos gibis do Mauricio de Souza, características fixas que os personagens sempre mantinham para si mesmos, como os dentes da Mônica, o modo de falar do Cebolinha e do Chico Bento comparado com o dos outros personagens, e a Magali, que sempre está com fome.

Os balões foram desenhados no quadro e explicados com a análise do material didático e comparados com ações cotidianas praticadas pelos alunos, como sussurrar, gritar ou cochichar. Na sequência, foram analisadas as figuras de linguagem com base nos gibis entregues, como a onomatopeia, o humor e o uso das interjeições. Para a análise das onomatopeias, imagens foram oferecidas aos alunos para que pudessem identificar o som escrito.

Ao término da explicação sobre os dois gêneros, foram discutidas as diferenças e as semelhanças entre fábulas e HQs. Depois de haver um tempo para o saneamento de dúvidas, foi explicado aos alunos que os dois gêneros eram muito distintos por pertencerem a épocas e situações diferentes, mas que também podiam integrar de forma conjunta.

A avaliação foi baseada na produção de “fábulas em quadrinhos” com o objetivo de associar os dois gêneros de forma conjunta. Para fazer a avaliação, os alunos utilizaram as fábulas que tinham apresentado e analisado em sala de aula, adequando-as então ao gênero

dos quadrinhos. Como é feita a produção artística dos quadrinhos, os alunos desenvolveram o esboço ajustando os diálogos nos balões e as personagens, passaram a caneta depois de ter o esboço corrigido e finalmente terminaram o trabalho com a pintura. Assim, os alunos puderam desenvolver o trabalho por meio de uma estratégia, na qual escolheram as falas e o conteúdo principal da fábula, para ser remontado no formato dos quadrinhos. Além disso, a moral da história também foi utilizada ao final. Assim como preveem as normas:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BNCC, 2017, p. 67)

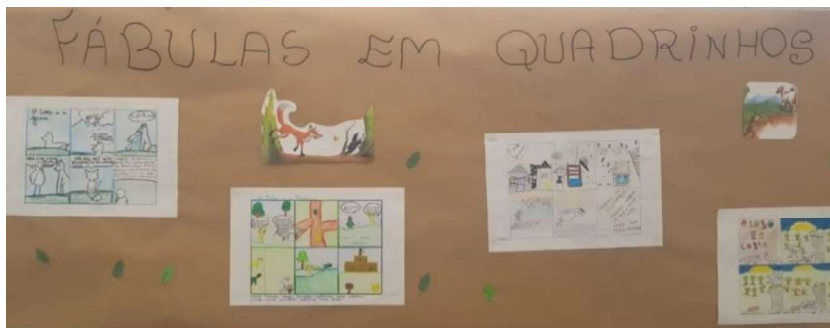
Desta maneira, os alunos desenvolveram os dois gêneros de forma consistente sabendo trabalhar a fábula dentro dos quadrinhos, ampliando o conhecimento sobre gênero que possuíam e reconhecendo que eles estão dispostos na nossa sociedade nem sempre de forma separada. Os quadrinhos foram colados em cartazes e expostos no mural da escola para que os outros colegas também pudessem ver o trabalho desenvolvido.

Figura 1 - Fábula em quadrinho



Fonte: aluno do 6ºB

Figura 2 - Exposição no Mural



Fonte: alunos do 6ºB

2. Os gêneros textuais

Os gêneros na antiguidade pertenciam à modalidade oral, tendo em vista que os povos antigos tinham como única forma de comunicação social a oralidade, marcada por lendas e mitos. Com o passar do tempo e o advento da escrita, outros gêneros foram criados, como a carta, o relatório, os livros, etc. A partir da chegada da Revolução Industrial e da tecnologia, muitos outros gêneros foram criados enquanto que alguns outros simplesmente transmutaram, devido à cultura eletrônica, como é o caso da carta mandada antigamente para enviar e receber notícias, que, hoje com o auxílio da internet, tornou-se o nosso *e-mail*. Vale ressaltar a importância dos gêneros tanto na forma oral como também escrita. Segundo Marcuschi:

Eles, os gêneros, são vistos em variados âmbitos sociais, sendo veículo de comunicação sócio-discursiva entre um emissor e um receptor. Sobre a definição de gênero e as suas características, Marcuschi define gênero como “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Deste modo, os gêneros transcendem o tempo, crescem e desenvolvem-se conforme nossa sociedade também progride social e tecnologicamente. Compreendendo este ponto, fica evidente o fato de que ensinar os gêneros textuais é de fundamental importância sendo o mesmo responsável por carregar os veículos linguísticos verbais e não verbais de comunicação. Segundo Koch (2003):

O ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos seus educandos. Isto porque a maestria textual requer — muito mais que os outros tipos de maestria — a

intervenção ativa de formadores e o desenvolvimento de uma didática específica. (KOCH, 2003, p. 55)

Ao ensiná-los em sala de aula, o professor deve estar ciente de que os gêneros são utilizados constantemente no nosso dia a dia, e que por isso, devem ser ensinados procurando desenvolvê-los em conjunto. Koch (2003) explica que o contato com o texto na vida cotidiana exercita a nossa capacidade de identificação de diversos gêneros textuais, que, ao serem identificados e conhecidos, podem ser utilizados como um “megainstrumento” semiótico, ao dispor deles e escolhê-los com base na situação social exigida. É papel do professor tornar o aluno detentor do conhecimento diversificado de gêneros.

É por meio dessa diversificação que ocorre a mesclagem de gêneros chamada de intergenericidade. Esse termo, segundo Koch, é responsável pela composição híbrida de um gênero com a forma e a função de outro gênero, como no caso dos gêneros trabalhados em sala: o texto fábula inserido no formato dos quadrinhos. Assim, a fábula recebe a função de atuar como parte central dotada de conteúdo, enquanto que os quadrinhos atuam como parte estética composta de figuras de linguagem próprias do hipergênero HQ, como onomatopeia, interjeição e humor, utilizando-o como a forma na qual será inserida e adaptada a fábula.

2.1 As histórias em quadrinhos

As HQs (histórias em quadrinhos) são reconhecidas mundialmente pela sua popularidade com os super-heróis e os vilões, que muitas vezes acabam por se tornar filmes de grande sucesso. Sendo um hipergênero, ela abriga muitos outros subgêneros, como a charge, a tira cômica, o gibi, o mangá etc. Além disso, as HQs possuem características próprias como as figuras de linguagem. Por meio das onomatopeias, é possível ler o som e produzi-lo mentalmente.

Assim sendo, ao ler *bang*, provavelmente se deve ao fato de alguém ter batido num poste ou ter levado um tiro, ao passo que ao ler *atchim!* signifique que alguém espirrou. A onomatopeia fará ainda mais sentido quando associada a outros recursos, como o visual, pois, ao analisar a cena desenhada, fica ainda mais explícito o propósito do autor. Uma lâmpada em cima da cabeça pode significar que o personagem teve uma ideia; se há corações, também pode significar que ele está apaixonado. Pode-se assim perceber que os quadrinhos são

compostos por signos linguísticos, tanto verbais quanto não verbais, que contribuem para o sentido da narrativa. Cagnin afirma que “a possibilidade de formar um código e de construir mensagens lhe dá o estatuto de signo e, assim concebida, recebe outros nomes, segundo os diversos critérios de classificação.” (CAGNIN, 2014, p. 46).

2.2 As fábulas

O surgimento das fábulas é ainda hoje um mistério, por não haver escritos sobre o seu primeiro registro, e ser um gênero exclusivamente oral. Como se sabe, na antiguidade, quem tinha direito ao papel e à escrita era apenas a nobreza, o que tornava muito difícil o acesso ao registro das fábulas. Justamente por no início se tratar de histórias orais é que a maioria das histórias foi mudada com o tempo, conforme eram contadas. Ao contrário do que muitos pensam, as primeiras fábulas não surgiram com Esopo, mas sim na Índia, e eram escritas em sânscrito.

A principal característica das primeiras fábulas, principalmente as escritas por Esopo, eram os seus ensinamentos mais conhecidos como “moral da história”, enquanto que a narrativa em si não era valorizada. Elas tinham como intuito transmitir os pensamentos do povo, as críticas e seus ideais de forma implícita, tendo em vista que a tirania dos líderes impedia que esses pensamentos fossem verbalizados. Tratando as fábulas como narrativas em terceira pessoa, a impessoalidade permitia que o povo utilizasse estas histórias como uma forma de expressão dos seus pensamentos. Coelho explica que:

o que existe em comum entre esses poemas narrativos é que todos eles expõem uma “situação” que encerra com uma moralidade. Foi devido a essa peculiaridade, a de breves relatos que divertem e instruem, que todos esses poemas narrativos se immortalizaram como fábulas na história da literatura e passaram a ser repetidos de geração em geração, até hoje. (COELHO, 1991, p. 82)

Assim, o gênero evoluiu de Esopo para outros importantes autores que o repercutiram, como La Fontaine e Monteiro Lobato. Durante a sua evolução, assim como a moral, a narrativa também passou a ser valorizada e utilizada em prosa e poesia sempre tratando de personagens compostos por animais que se comportavam como humanos. Muitos deles possuíam características inatas próprias dos animais para representar o comportamento

humano, como por exemplo, o leão, que é forte por natureza, ou a raposa, que é esperta e astuta, assim como os humanos, que se utilizam dessas mesmas características.

3. Conclusão

Conclui-se que o estágio obrigatório é uma importante etapa na vida acadêmica do graduando, sendo fundamental para o crescimento do profissional. Os gêneros foram ensinados de forma bem-sucedida tendo em vista que os alunos entenderam o objetivo de relacionar os gêneros e também a forma como cada qual é utilizado como parte da comunicação social.

O professor especificamente deve desenvolver um instinto observador capaz de guiá-lo e ler a sala de aula como um livro que deve sempre ser aprimorado, é ele responsável por administrar a temperança e saber lidar com todas as possíveis situações que possam acontecer. Não nascemos preparados para o mundo, mas podemos nos aperfeiçoar como o ferro em brasa viva. Um bom professor não é aquele que carrega verdades imutáveis, mas sim o que ensina e se desafia a melhorar constantemente. Deixo uma frase do escritor Paulo Freire, que define filosoficamente o que é lecionar: “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p.23). Depois de formados, nós nos tornaremos formadores e seremos constantemente reformados durante nossa vida, pois assim ela é. A vida é uma lição.

4. Referências Bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**: linguagem e semiótica. Criativo: São Paulo, 2014.

COSTA, Alice Silva da. **Discutindo o conceito de intergenericidade**: a importância da compreensão desse fenômeno para o processo de comunicação entre interlocutores. Disponível em:

<<https://www.webartigos.com/storage/app/uploads/public/5b8/0c7/11a/5b80c711ac58f694504899.pdf>>. Acesso em: 4 de nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Vagner Antonio Solano. **Análise argumentativa de fábulas de Esopo e de suas releituras por Millôr Fernandes**. Dissertação (Pós-Graduação em Letras), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo. Passo fundo, p.91. 2015.

KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, M. Auxiliadora (Orgs.). In: **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.